

Favela de Lata: O Turismo de Luxo e as Paisagens. Midiáticas da África do Sul que Acionam Regimes de Invisibilidade Étnica¹

Favela de Lata: Luxury Tourism and Landscapes. South African Media that Trigger Ethnic Invisibility Regimes

Juliana Ayres Pina

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Paulista (UNIP) e Mestre em comunicação pela mesma Universidade. É formada em Desenho Industrial com habilitação em Design Gráfico, especialista em Tecnologia aplicada à Educação e servidora pública federal no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo desde 2010 onde atua como Programadora Visual no Centro de Referência em Educação a Distância. Atualmente desenvolve pesquisa acerca da representação do trabalhador a partir dos estudos do imaginário e da cultura. Email: julianaayrespina@gmail.com

Maurício Ribeiro da Silva

Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 2007 e 2000) e Arquiteto e Urbanista (EESC-USP, 1992). Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP (São Paulo - SP). Foi Diretor de Planejamento de Ensino do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR) em Maringá (PR), Assessor da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Cruzeiro do Sul (São Paulo - SP) e Pró-Reitor Acadêmico do Centro Universitário Módulo (Caraguatatuba - SP). Atualmente vinculado ao Grupo de Pesquisas Mídia e Estudos do Imaginário, foi pesquisador, diretor financeiro e diretor presidente do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Tem experiência nas áreas de Comunicação em questões relacionadas a imagem e cultura e Gestão Acadêmica. Email: silva.mrib@gmail.com

Sandra Helena Vieira Maia

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Paulista (UNIP). Atuou como docente e coordenou até dez-2019 os cursos: Tecnologia em Eventos e Bacharelado em Hotelaria no Centro Universitário Senac Santo Amaro. Mestre em comunicação pela Universidade Paulista Unip é formada em comunicação social com pós-graduação em Administração de Marketing. Participou de grupos de estudo para o desenvolvimento pessoal e aprendizagem, como o Pathwork Group, e é também pós-graduada em Yoga. Concluiu o curso de Aperfeiçoamento em Fundamentos da Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae em 2013. É escritora, colunista, palestrante e atua como consultora de comunicação e marketing. Escreve sobre os temas: economia do compartilhamento, comunicação, psicologia aplicada, amor e felicidade. Email: sandramaia.mkt@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a imagem da favela de lata Shanty Town, favela “fake” oferecida pelo Emoya Luxury Hotel and Spa, na África do Sul, bem como o imaginário acionado a partir da divulgação da atração na mídia. A hipótese levantada é de que a exemplo dos Zoológicos Humanos, a proposta alimenta processos de intolerância étnica. Para tanto, o método aplicado é de análise textual dos comentários de noticiários brasileiros na época de lançamento, em 2012. As narrativas extraídas da opinião dos internautas apontam que, como em uma pintura trompe le’oil, os barracos coloridos da Shanty Town tornaram-se uma representação viva dos processos de invisibilidade étnica e do investimento na visibilidade espacial, simulando favelas que camuflam a vida e acordam o imaginário dos Zoológicos Humanos. Para discutir imagem e imaginário, elencamos Bystrina (2009), Durand (2014) e Silva (2019).

Palavras-Chave

Imaginário; Imagem; Comunicação; Favela; Turismo.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Abstract

This article aims at the textual analysis of Internet users' narratives, in relation to the promotion of the accommodation package for the “Shanty Town” or “fake” favela space, offered by Emoya Luxury Hotel and Spa, South Africa, in 2012. These comments will be compared with the news in Brazil, published at the same time. The results of this research show that, as in a trump le'oil painting, the colorful shacks of Shanty Town have become a living representation of the processes of ethnic invisibility and the investment in spatial visibility that simulate favelas that camouflage life and awaken the imaginary of Human Zoologists. To discuss image and imagery, we list Bystrina, Durand and Silva.

Keywords

Imaginary; Image; Communication; Favela; Tourism.

Introdução

A demanda por turismo de pobreza ou realidade parece nunca ter saído do cardápio turístico mundial. Das exposições racistas e humilhantes dos Zoológicos Humanos às visitas em favelas no contemporâneo, de forma recorrente, acionam o imaginário cultural que coloca dentro ou fora das jaulas os selvagens e civilizados. Fundamentadas sobre um pensamento “educacional”, essas exibições simulavam o habitat natural e a vida primitiva. Dirigidos à elite e aos europeus menos abastados entre 1880 e 1910, como afirma Andreassen (p.13,2016), serviam como forma de afirmar a superioridade dos “homens brancos, inteligentes e civilizados”, ao mesmo tempo que justificavam as atrocidades da colonização, para “ajustar” povos de países dominados. Na etnografia, encontram-se relatos que remontam aos anos de 1550, quando, entre outros povos, índios brasileiros, Tupinambas, extintos no século XVII, foram levados a desfilar para o Rei Henrique II, em Rouen, na França, como afirma o pesquisador Olivier (2017).

Para os organizadores desses eventos, quanto mais próximos da vida natural, mais selvagens eram considerados os homens, mulheres e crianças. Estes, muitas vezes, dividiam espaço, que simulavam seu habitat natural, com animais, sem qualquer distinção. A imagem do “selvagem”, nesse sentido, muito menosprezada pelos expositores e curiosos visitantes, aparentemente permaneceu no imaginário cultural e na mídia ao longo dos anos com outra roupagem.

Um exemplo atual é o objeto desse estudo — a Favela de Lata — atração turística de um hotel na África do Sul. Entre tantos outros pacotes turísticos ofertados em agências de viagens e plataformas de serviços on-line, esta é a criação mais inusitada que povoou a mídia nos anos 2012 a 2015, tornando-se conhecida do público. Batizada como *Shanty Town*², foi concebida como representação da realidade africana, isto é, uma amostra da vida experimentada por cerca de 40% da população africana que vive em favelas em situação de miséria, como retratado no Relatório da ONU — Habitat 2020. Composta por barracos que simulam uma comunidade, é oferecida como opção de hospedagem pelo *Emoya Luxury Hotel and Spa*, na África do Sul.

Dentro desse cenário, que privilegia a experiência, essa pesquisa busca compreender os imaginários acionados a partir da oferta do *Emoya Luxury Hotel and Spa*, na África do Sul. Espera-se, dessa forma, contribuir para o entendimento e possível quebra de estruturas que descredenciam o que é cultural e atuam para naturalizar preconceitos, que mantêm o status

² Atividade implementada dentro das dependências do *Emoya Luxury Hotel*, que simula uma favela real e que pode hospedar até 52 pessoas. Matéria em vídeo publicado no canal YouTube da CGTN, em 12 de fevereiro de 2014, nomeada *Africa Shanty Town Hotel*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DSMD6fg0kAk>. Acesso em: 18 nov.2020.

quo, representado pelo lugar que sujeitos ocupam no concreto. Para essa pesquisa, optou-se pela análise textual de comentários de internautas que visitaram e comentaram a página do hotel em seu canal do YouTube, em comparação às matérias publicadas no noticiário da época, no Brasil, disponíveis na rede.

1. A Vida Camuflada em Ambientes Disney

No segmento de luxo, hotéis personalizam espaços da hospitalidade para encontrar formatos e ideais de acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento, que mais do que fidelizar clientes, oferece conforto e felicidade em qualquer destino ou aventura. O padrão internacional do turismo cria, portanto, uma base “hospitaleira”, que gera um afastamento da cultura num regime de visibilidade/ invisibilidade e mantém o espetáculo controlado, sem ameaça, e confiável dentro do que se estabelece como e-hospitalidade.³

Como afirma Phalle (2012, p. 11), “[...] o hotel é de fato um local crucial. Hotel luxuoso, Grande Hotel, albergue, pensão, hotel mobiliado, mal-afamado, piolhento ou bordel, lá amamos, bebemos, esperamos dias melhores e morreremos”.

Ainda com o autor, nesse lugar de “abrigo transitório”, encontramos resquícios do teatro, do drama, das histórias e romances que aquecem o coração e despertam a curiosidade da vida local. Nesse cenário, visando ainda aguçar a imaginação dos hóspedes, os hotéis trabalham com a construção de espaços que são divulgados na mídia, como forma de descortinar o que vai pela vizinhança, a partir da constituição de áreas temáticas direcionadas para proporcionar ao cliente experiência e um sabor quase natural do que é a vida regional de forma eficiente e, por vezes, fantástica. Assim, hotéis em toda face do planeta abrigam histórias que encantam, como no depoimento de um hóspede do Hotel Copacabana, Rio de Janeiro, trazido por Phale (2012, p. 393): “O Brasil é um país incrível, [...] é simplesmente o lugar mais enfeitado que existe na terra. [...] Um país feito para mim: um café sublime [...], os charutos mais saborosos, a maioria das mulheres é fascinante, a paisagem, a mais esplêndida. Hemingway, citado por Phale (2012, p. 289), tem um depoimento carinhoso sobre sua estada no Quênia, Nairobi. O escritor residiu no Stanley Hotel, mas, segundo Phale, frequentava durante às noites o bar do Norfolk hotel: “Eu só tinha passado alguns dias em Nairóbi; no entanto, já começava a me apaixonar pelo Quênia. Eu encontrava ali um encanto, um entusiasmo, uma abertura de espírito e uma generosidade que não existiam em nenhum outro lugar, exceto na Irlanda”.

Outros bons exemplos de ambientes que constroem a fantasia da integração entre “humano e natural” e que tornam hóspedes integrados às cores e sabores locais são cenários e áreas projetadas para o acolhimento que lhes proporcionam uma imersão na região, cultura e história do lugar, como os espaços construídos por Anavilhanas Jungle Lodge às margens do Rio Negro na Amazônia, que oferece uma imersão na selva; o Hot Park na cidade do Rio Quente, Goiás, que oferece uma praia artificial; e os Buble Domes ou bolhas transparentes no meio da Floresta oferecidas pelo Finn Lough Hotel, Irlanda. Estes são bons exemplos da “ética da hospitalidade”, como afirma Camargo (2011, p. 31), que faz da hospitalidade “[...]

³ E-hospitalidade. Conceito cunhado pela autora e que corresponde ao acionamento do imaginário, em torno do acolhimento e da dádiva, que vem sendo acionado a partir da apropriação de elementos culturais que remontam às raízes da hospitalidade no arcaico. Presentes nas narrativas e discursos dos usuários do sistema, a imagem virtual comprova que as imagens da hospitalidade promovidas em rede constituem e atualizam o imaginário cultural, promovendo a confiança e o resgate da ideia de aconchego e amizade e do simbolismo das trocas originárias que inflam o sentimento de solidariedade e reciprocidade, estabelecendo a e-hospitalidade – lugar onde virtual e concreto se mesclam. Disponível em <http://repositorio.unip.br/programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/o-fenomeno-comunicacional-airbnb-uma-investigacao-das-imagens-e-do-imaginario-constituído-da-e-hospitalidade/> Acesso em: 20 nov.2020.

um processo de comunicação interpessoal, carregado de conteúdos não-verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais que variam de grupo social para grupo social [...]”. Além destes, observamos também a proposta do Emoya Hotel na África do Sul, objeto de estudo dessa pesquisa com uma proposta de integração ao entorno polêmica, como segue.

2. Emoya Luxury Hotel, atração: Shanty Town, a favela de lata

O *Emoya Luxury Hotel & SPA*⁴ está situado a 10 km do centro da cidade de Bloemfontein, em uma reserva natural e de caça, próximo ao Aeroporto Internacional Bram Fischer e principais pontos turísticos da África do Sul. O hotel disponibiliza para seus hóspedes diferentes atrações como: safáris, o Cheetah Experience e um luxuoso spa diurno e noturno; apartamentos amplos e confortáveis; restaurantes e passeios ao ar livre. Em 2012, o hotel resolveu inovar e divulgou para seus clientes uma nova atração nas suas dependências: a *Shanty Town*, uma favela de lata⁵, construída com inspiração em favelas africanas, como uma das que fica a um raio de 10km do hotel. O conjunto de “barracos” disponibilizados tem capacidade para acomodar até 52 pessoas com relativo conforto. Na *Shanty Town* (Figura 1 e 2), os barracões possuem eletricidade, aquecimento de piso, wi-fi, banheiros externos compartilhados; e permite uma estada sem risco e sem o “desconforto” da vida real. Nessa “atração”, hóspedes podem desfrutar da experiência que proporciona um “gosto” da pobreza sem conexão direta com a violência, e distante da vida e dos nativos moradores desse tipo de comunidade que estão por todo o país. Projetada para tornar invisíveis a pobreza e o desconforto, *Shanty Town* forma um conjunto para hóspedes mais que exigentes e, de certa forma, curiosos com relação ao “viver como um local”, como afirma Augé (2016, p. 36), “[...] numa organização de espaço que o espaço da modernidade ultrapassa e relativiza”.

Figura 1 – Shanty Town, Emoya Luxury Hotel and Spa⁶



Fonte: Divulgação/Emoya Luxury Hotel and Spa

⁴ Emoya Luxury Hotel & SPA, disponível em: <https://www.letsbookhotel.com/pt/south-africa/bloemfontein/hotel/emoya-luxury-hotel-spa.aspx>. Acesso em: 20 abr.2021.

⁵ Emoya Hotel & Spa. Vídeo publicado no YouTube em 2013, quando o programa foi lançado. 5.063 visualizações. Três comentários. Apresentação: “Milhões de pessoas estão vivendo em assentamentos informais em toda a África do Sul. Esses assentamentos consistem em milhares de casas também chamadas de Shacks, Shantys ou Makhukhus. Uma Shanty, geralmente, consiste em formar uma pequena “casa” ou abrigo onde se vive normalmente. Essas casas são feitas de folhas de ferro, velhas, onduladas ou qualquer outro material impermeável. Uma lamparina de parafina, velas, um rádio a bateria, um banheiro externo (também conhecido como queda longa) e um tambor onde eles fazem fogo para cozinhar normalmente fazem parte deste estilo de vida. Agora você pode experimentar ficar em um Shanty dentro do ambiente seguro de uma reserva de caça privada. Esta é a única Shanty Town no mundo equipada com piso aquecido e acesso sem fio à Internet! O Shanty Town é ideal para formação de equipes, festas temáticas sofisticadas e uma experiência única. Acomoda até 52 pessoas. Nossos Shantys são totalmente seguros e adequados para crianças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ud9YowApPyc>. Acesso em: 17 nov.2020.

⁶ No Emoya Luxury Hotel and Spa, até 52 pessoas podem ficar hospedadas na área chamada de Shanty Town (Foto: Divulgação/Emoya Luxury Hotel and Spa). Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/07/hotel-de-luxo-na-afrika-do-sul-oferece-experiencia-de-favela-para-hospedes.html>. Acesso em: 20 nov.2020.

Figura 2 – Barracões do Shanty Town, Emoya Luxury Hotel and Spa



Fonte: Divulgação/Emoya Luxury Hotel and Spa

3. A vida como ela é

Segundo Relatório da ONU-Habitat 2020⁷, 1,6 bilhão de pessoas, que representa 20% da população global, vive em moradias inadequadas, e destas, um bilhão mora em favelas ou assentamentos informais, esses estão bem distantes de lugares/cidades prósperas, apontadas pelo relatório.

As favelas, conhecidas como áreas de moradia inadequadas, representam: inexistência de infraestrutura básica, desequilíbrio social e ambiental, superpopulação, violência, miséria, isto é, são constituídas como o retrato da desigualdade. Nesse lugar de histórias, com todas as suas limitações, pulsa a vida com demandas e necessidades, não se limitando a uma paisagem como nas figuras a seguir, que ilustram os pacotes de turismo da pobreza que ocultam o humano.

Figura 3 – Fotos viajantes para favelas Africanas⁸



Fonte: Tripadvisor

4. Análise dos Comentários do YouTube

Distinto das favelas reais, o *Emoya Luxury Hotel & Spa* publicou no seu canal no YouTube⁹, em 20 de maio de 2012, um vídeo sobre o projeto *Shanty Town*, com detalhes do que o hóspede poderia encontrar em sua estada na África. Essa divulgação gerou 720.833

⁷ Relatório da ONU – Habitat – Disponível em: <https://unhabitat.org/World%20Cities%20Report%202020> Acesso em: 17 nov.2020.

⁸ Seleção aleatória de fotos feitas por visitantes em South Western Townships e divulgadas na plataforma Tripadvisor. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g312578-d547447-r564024002-South_Western_Townships-Johannesburg_Greater_Johannesburg_Gauteng.html#REVIEWS Acesso em: 20 nov.20

⁹ Vídeo Emoya Hotel & Spa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R5vhgHbr0e0>. Acesso em: 15 nov.2020.

visualizações, 264 *likes* e, ainda, um mil *deslikes*. Ademais, foram registrados comentários¹⁰ com a avaliação de 87 internautas, entre os anos 2013 e 2014, que fazem parte da discussão desta pesquisa.

Do total dos comentários analisados, um ironizava o projeto e os outros oitenta e seis eram contrários à iniciativa, como observa-se nos exemplos abaixo. No geral, palavras como Ridículo, Vergonhoso, Horrível, Doente, entre outras, se destacam nos posts com narrativas de potenciais clientes que rejeitam a iniciativa do Emoya Hotel:

Comentário positivo:

Interessante, deve ser divertido.

Comentários negativos:

Oh, mal posso esperar, onde posso entrar na fila para os ingressos? Incluir serviço de quarto e crianças pedindo esmola? Tenho que ter filhos mendigos, ou então vou me contentar com a Disney World.

Eu realmente não entendo as pessoas que tiveram essa ideia! Eles estão sem coração! Isto é tão errado !!!! Eu realmente espero que ninguém nunca reserve um quarto neste hotel!

Quero vomitar minhas tripas ao assistir a essa pretensão. Isso é uma piada, certo? Você não pode Disney fazer a pobreza causada pelo apartheid.

O mundo se tornou um parque temático. Muito triste.

Posso imaginar a reunião do conselho para discutir a criação deste luxuoso spa e resort em ‘Shanty Town’. Tenho certeza de que não era um grupo de pobres atingidos pela pobreza vivendo de rações diárias de arroz e água suja e contaminada (YOUTUBE, 2020).

Aplicando a ferramenta *wordclouds*¹¹, nuvem de palavras, sobre as narrativas dos comentários postados, e levando em conta o total de 87 comentários analisados, o que aparece no centro da imagem é a palavra “pobreza”. Além desta com 32 repetições, a sequência de palavras mais pronunciadas são: 15 – viver; 14 – hotel; 13 – rico; 12 – favela; 11 – realidade; 7 – mundo; 6 – nojento; 6 – África do Sul; 4 – Emoya.

5. Análise das Notícias: Pesquisa Google

Para fazer frente aos comentários de potenciais viajantes, os internautas, como comentado anteriormente, optaram pela busca do noticiário sobre o tema à época, no Brasil. Assim, em consulta à plataforma Google, com o tema *Shanty Town África do Sul*¹², encontrou-se 597 mil registros, incluindo vídeos, imagens, matérias em jornais, mídia social etc. Desse total, para essa análise foram selecionadas, de forma aleatória, as oito primeiras matérias/notícias publicadas em veículos brasileiros que apresentam o hotel e suas instalações.

Entende-se que o resultado encontrado no noticiário, em quase a totalidade das

¹⁰ Os comentários em outro idioma foram traduzidos pela autora. Textos originais disponíveis no link <https://www.youtube.com/watch?v=R5vhgHbr0e0>. Acesso em: 15 nov. 2020.

¹¹ Ferramenta disponível em: <https://www.wordclouds.com>, nuvem de palavras.

¹² Pesquisa desenvolvida na Plataforma Google. Matérias publicadas entre jul/2013 e 2015, selecionadas aleatoriamente. Disponíveis em: https://www.google.com.br/search?xsrf=ALeKk02UEzcYOIB6LWFYO5ZnKEZvbe9c5g%3A1606073296105&source=hp&ei=0Lu6X8i3A6PX5OUPwpeoqA0&q=shanty+town+%C3%A1frica+do+sul&oq=shanty&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQARgAMgQIIxAnMgYIIxAnEBMyBggjECcQEzICCAyAggAMgIADICCAyAggAMgIADICCAA6CwguELEDEIMBEJMCOggILhCxAXCDAToFCC4QsQM6BQgAELEDOggIABCxAXCDAVDAPQJYk6sCYJW2AmgAcAB4AYABygGIAd4FkgEFMS40LjGYAQCgAQGqAQQnd3Mtd2l6&sclient=psy-ab. Acesso em: 20 nov.2020.

matérias analisadas, é simplesmente uma replicação da notícia originada pelo hotel. Não há, na maioria desses registros, seis dos oito artigos analisados, opinião do veículo, com exceção de duas notas críticas que repudiam a ação, como colocado a seguir. O recorte incluiu os seguintes veículos/matérias: — Descritivas: Exame.com; G1; Viajecomigo.com; A Tarde UOL; FolhaUol; Educativafm.com; ou, Críticas: Hypness; Planejoviajar.com.br.

A seguir, alguns trechos de matérias descritivas:

Quase um experimento antropológico. É isso que um hotel de luxo na África do Sul quer oferecer aos hóspedes que optam por ficar em acomodações que simulam como seria a vida em uma favela no país (EXAME.COM).

A verdade é que são muitos os turistas que, por todo o mundo, têm curiosidade de ver como vivem as camadas sociais menos favorecidas. São aos milhares (milhões?) os que querem visitar os slums (bairros) de Mumbai ou então as favelas do Rio de Janeiro [...] A pensar precisamente nesses turistas, o resort na África do Sul criou dentro do seu recinto um bairro de lata [...], é a Shanty Town, mas sem esquecer algumas comodidades (G1 VIAJECOMIGO.COM).

Os turistas que gostam de visitar favelas brasileiras agora podem se hospedar em um hotel luxuoso na África do Sul e dormir em barracos. O Emoya Luxury Hotel and Spa criou quartos-favela para ‘clientes extravagantes’ que cabem até quatro hóspedes e tem diária de R\$ 192 (A TARDE UOL).

Trechos de matérias com um tom crítico:

Essa notícia me fez lembrar dos passeios por favelas no Rio de Janeiro e refletir sobre o como às vezes o turismo faz da pobreza uma mercadoria (PLANEJOVIAJAR.COM.BR).

Seria cômico se não fosse trágico. Sabemos que aqui no Brasil acontece o turismo na favela, onde agências de viagem fazem pacotes de visitação em algumas favelas do Rio de Janeiro, o que soa um pouco estranho. Mas um hotel de luxo na África do Sul construiu uma favela de mentira para hóspedes ávidos por experimentarem como é ser pobre (HYPNESS.COM.BR).

Nessa perspectiva, a mesma análise textual dos comentários dos potenciais clientes publicados no canal YouTube foi aplicada às narrativas das matérias selecionadas, a ferramenta *wordclouds*. A imagem resultante e que constituiu a nuvem apresentou uma mudança expressiva tirando do centro o foco para palavra “*pobreza*”. Esta deu lugar às palavras “*Hotel*” e “*África do Sul*”, respectivamente citadas em 45 e 42 vezes. Das palavras mais repetidas, pode-se destacar ainda: 38 – favela; 33 – Luxury; 30 – Shanty Town; 19 – Spa; 13 – Emoya; 12 – experiência; 12 hóspedes; 10 turismo.

6. Favela: luxo e miséria no turismo

Observando os resultados da análise das narrativas – internautas de um lado, veículos de comunicação de outro, fica evidente que um e outro acionam imaginários opostos que remetem ao bem e ao mal, ao bom e ao ruim, ao luxo e à pobreza, como trata Bystrina (2009, p. 8): “[...] tais oposições dominam com enorme força o pensamento da nossa cultura particular e o desenvolvimento da cultura em geral”. Segundo o autor, essas oposições são importantes para deliberação de valor, no balizamento do comportamento, da ação e da tomada de decisão. Nesse sentido, se na *Shanty Town* civilizada, há lugar para hospitalidade e

luxo, como em uma atração, um show, nas favelas africanas selvagens, para a imagem de hostilidade e pobreza. Nesse contexto, se o mesmo fenômeno é percebido por internautas e pela mídia de forma distinta, fica patente o que afirma Silva (2019, p. 54): “[...] a perspectiva da invisibilização traz, portanto, a necessidade de compreender o ato comunicacional a partir do impalpável, do intangível, do inobservado”, ficando para o hóspede ou para o internauta uma ordem de juízo do que se tentou produzir, enquanto atração no *Emoya Luxury Hotel*. De todo modo, é preciso compreender qual o imaginário cultural ativado que mantém a exposição de humanos de forma humilhante e não ética. Nesse sentido, o invisível que está contido nas narrativas e imagens divulgadas aponta para um retrocesso do que se entende como hospitalidade e que, nesse exemplo, parece se ocupar da manutenção do horror, da pobreza e da miséria, de uma política higienista e sem limites. Entende-se, assim, que permanecem a (in) visibilidade étnica e espacial de forma desequilibrada e a (in) civilizada. *Shanty town*, nesse contexto de horror, parece encontrar na comunicação midiaticizada formas de despertar o imaginário cultural da época da colonização que aprovava a organização de Zoológicos Humanos, que perduraram até o início do século XIX na Europa e Estados Unidos, como uma forma educativa que autorizava todo tipo de intervenção junto aos povos colonizados e muitas vezes considerados “não humanos”, como afirma Andreassen (2016).

Por isso, a favela de lata, apresentada na mídia, como uma opção de hospedagem com gosto de pobreza, parece efetiva quanto ao seu propósito de cenário que remete ao paradoxo do imaginário do ocidente defendido por Durand (2014, p. 15), que separa civilizado e selvagem, enfatizando a distância entre ambos. De outro lado, desperta no internauta repúdio que aponta para o fortalecimento dos regimes de invisibilidade étnica e de espacialidade visível que comprometem o entendimento dos povos, suas culturas milenares, sua história. Dessa forma, a vida simulada vai na direção contrária ao que afirma Tuan (1983, p. 203), “[...] sentir um lugar leva mais tempo: se faz de experiências [...]. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros [...]”.

A imagem do Zoológico Humano retorna ao imaginário midiático de forma atualizada, como afirma Bystrina (2009), movendo o sujeito em torno do (in) visível. A partir de então, a intolerância alicerça o que é pré-predicativo, enquanto experiência que abre as portas para o imaginário, como defende Pross (1980), confirmando os estereótipos que colocam em lados opostos civilizados e selvagens, sendo que, como afirma Morin (2011, p. 105), há uma necessidade urgente de se repensar o desenvolvimento e ainda a ideia de subdesenvolvidos, aplicadas aos povos abaixo da linha de pobreza. Para o autor, “[...] a ideia de subdesenvolvimento ignora as eventuais virtudes e riquezas das culturas milenares de que são/eram portadores os povos ditos subdesenvolvidos”.

Por isso, a imagem da favela de lata, que abriga o civilizado, desperta em alguns a imagem representada dos Zoológicos Humanos, que no contemporâneo continua a assombrar aqueles que são expostos e que sentem sua situação se agravando dia a dia. Acredita-se que iniciativas como esta fazem ressurgir o imaginário do selvagem, do primitivo, não humano, como aquele que permanece tecendo a cultura higienista, ocultando o humano, a pobreza, o diferente, com o propósito de embelezar o espaço.

Esse subterrâneo representado pelo imaginário em torno do “espetáculo da miséria” aparentemente alimenta o turismo de realidade, que é uma possibilidade nos destinos e países “subdesenvolvidos”. Assim, *a la trompe le’oil*, como afirma Silva (2019), ambientes são criados para encantar e acolher o viajante com um recorte que nada mais é do que a vida camuflada, higienizada e pronta para consumo. Estigmatizam-se os sujeitos e reproduzem-se os arquétipos da terra linda e do povo selvagem, eternizando o imaginário do novo mundo, enquanto produto para consumo. Dessa forma, permanecem ativos dentro do imaginário cultural o racismo das exposições etnográficas que conquistaram lugar na hierarquização das raças, delegando aos afrodescendentes ocupar o menor nível na escala, como citado por Andreassen (2016).

Considerações finais

Embora não inclua no “menu” a exposição direta de humanos ao simular seu habitat, *Shanty Town* expõe os povos e a pobreza, características da região. De fato, a favela “fake” remete ao imaginário cultural de horror dos Zoológicos Humanos. Esse imaginário, que aciona os arquétipos da beleza da terra e do povo selvagem no novo mundo, na época dos descobridores e das grandes expedições marítimas, aponta para a manutenção da colonização que torna heróis os civilizados e estigmatiza povos que continuam a ser percebidos como inferiores.

Ativas desde 1.500 e até o início do século XX, essas exposições parecem ter ganhado nova roupagem na experiência turística da miséria. A proposta do Emoya Hotel em 2012 mantém o acordar da curiosidade que move o humano a “experimentar viver como o outro”. Isto é, seja se colocando literalmente no lugar do outro, seja visitando exposições etnográficas, ou participando de viagens focadas em turismo de realidade que garantem uma distância segura e ambiente controlado que os mantêm na superfície da imagem.

Nessa perspectiva contemporânea, regida pela cultura de massa, parece ser confortável a miséria, quando experimentada como uma atração Disney que maquia as consequências da aporofobia¹³. Nesse contexto, compreender os regimes de invisibilidade que alimentam e naturalizam processos que estigmatizam o humano, reforça a hipótese que o turismo da pobreza é um turismo de visibilidade e invisibilidade, que alimenta processos de intolerância étnica e apresenta a vida pasteurizada, ao mesmo tempo em que esconde preconceitos em destinos-miragens.

Acredita-se que a reação dos internautas, que percebem o mundo estereotipado e que se indignam com a imagem do humano continuamente despotencializada de sua humanidade, seja um movimento capaz de ressignificar esse entendimento e, por consequência, atividade. Dessa maneira, *Shanty Town* alimenta o imaginário cultural dos Zoológicos Humanos e exalta o desejo de trilhar o rastro do exótico e do “viver como um selvagem”. Em outra perspectiva, o hotel pode abrir espaço para um movimento que vá contra o poder da imagem que nega a cultura e a vida, impondo “padrões ocidentais” de superioridade e civilização.

Entende-se como oportuno incrementar o potencial das viagens turísticas como forma de trazer para o corpo experiências que ampliem a compreensão sobre a cultura e fenômenos dela decorrentes que, ao serem analisados em profundidade, possam desestigmatizar processos e fazer presente a imaginação a partir da aceitação e aprendizagem. Nessa abordagem proposta, talvez seja possível “o viver como um humano em qualquer lugar”. A questão é que para tanto precisa-se de corpos que deixem para trás preconceitos e recriem as relações de afeto no tempo e espaço, sem pressa, devagar, no tempo natural, remetendo à liberdade que o novo demanda.

Referências

ANDREASSEN, Rikke. **Human Exhibitions**. Race, Gender and Sexuality in Ethnic Displays. Routledge Taylor and Francis Group. London and New York, 2016.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2016.

¹³ Aporofobia conceito que trata da fobia da pobreza, e apresenta a hospitalidade cosmopolita, como aquela que acolhe sujeitos em condições de troca e que, nesse contexto, hostiliza miseráveis; cunhado por: CORTINA ORTS, Adela. *Aporofobia*. El rechazo al pobre. Un desafío para la democracia. Paidós, Barcelona-ES, 2017.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. CISC – Aula de maio/95, PUC/SP. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Tradução – Prof. Norval Baitello Jr e Sonia B Castino, 2009.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. Coleção ABC do Turismo. 2. ed. 3. reimpressão. Editora Aleph: São Paulo, 2011.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, El rechazo al pobre: Un desafío para la democracia**. Barcelona: Paidós, 2017.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de Horizonte: O sol novo a cada dia**. São Paulo: Paulus, 2016.

MAIA, Sandra H.V. **O fenômeno comunicacional AIRBNB: uma investigação das imagens e do imaginário constituído da e-hospitalidade**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2018. Disponível em <http://repositorio.unip.br/programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/o-fenomeno-comunicacional-airbnb-uma-investigacao-das-imagens-e-do-imaginario-constituído-da-e-hospitalidade/>. Acesso em: 20 nov.2020.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

OLIVIER, Laurent. A infância do mundo. Os primeiros contatos entre franceses e tupinambás no Brasil do século XVI. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas**. v. 3, n. 1, p 538 - 562, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/1184>. Acesso em: 15 nov 2020.

PHALE, Natalie H. de Saint. **Os hotéis literários: Viagem ao redor da terra**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

SILVA, Maurício R. da. Trompe-L'oeil (In) visibilidade da umbanda na cultura brasileira. **Revista Libero**. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero, v. 22, n. 44, p 44-55, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1092/1060> Acesso em: 10 maio.2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

Sites consultados

ASSUPERLISTAS.COM. As 10 maiores favelas do mundo. Disponível em: <https://assuperlistas.com/2020/01/30/as-maiores-favelas-do-mundo/>. Acesso em: 17 nov.2020.

A TARDE UOL. Hotel luxuoso da África do Sul cria quartos-favela. Publicado em: 10 dez.2013. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/turismo/materias/1551265-hotel-luxuoso-da-africa-do-sul-cria-quartos-favela>. Acesso em: 15 nov.2020.

DONAARQUITETA.COM. Finn lough Hotel. Irlanda que oferece bubble domes. Disponível em: <https://donaarquitectura.com.br/finn-lough-hotel-na-irlanda-do-norte/> Acesso em: 11 nov.2020.

EDUCATIVA FM. Hotel de luxo na África do Sul oferece experiência de favela para hóspedes. Publicado em: 23 jul.2015. Disponível em: <http://educativafm.com.br/novo/hotel->

de-luxo-na-africa-do-sul-oferece-experiencia-de-favela-para-hospedes/_ Acesso em: 15 nov.2020.

EMOYA HOTEL & SPA. Youtube. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=R5vhgHbr0e0>_ Acesso em: 11 nov.2020.

EXAME.COM. Hotel tem acomodações que simulam favela na África do Sul. Publicado em: 23 jul.2015. Disponível em: <https://exame.com/casual/hotel-tem-acomodacoes-que-simulam-favela-na-africa-do-sul/>. Acesso em: 15 nov.2020.

FACEBOOK.COM/EMOYAESTATE. Isso é horrível. Comentário de hóspede publicado na página do hotel em mar-2013. Disponível em
<https://www.facebook.com/EmoyaEstate/photos/a.425608850866754/425608934200079>_
Acesso em: 20 nov.2020.

FACEBOOK EMOYA HOTEL. Comentários de Internautas. Publicado em: 10 mar.2013.
Disponível em:
<https://www.facebook.com/EmoyaEstate/photos/a.425608850866754/425608934200079>.
Acesso em: 20 nov.2020.

G1.GLOBO. Hotel de luxo na África do Sul oferece – experiência de favela – para hóspedes. Publicado em: 7 jul.2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/07/hotel-de-luxo-na-africa-do-sul-oferece-experiencia-de-favela-para-hospedes.html>. Acesso em: 15 nov.2020.

HYPENESS.COM.BR. Hotel de luxo simula favela para turistas. Publicado em: dez. 2013. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2013/12/um-hotel-de-luxo-que-simula-ser-uma-favela-para-turistas-experimentarem-a-pobreza/>_ Acesso em: 15 nov.2020.

PLANEJOVIAJAR.COM.BR. Sobre o turismo nas favelas e o espetáculo da pobreza. Publicado em: 10 dez.2013. Disponível em: <https://planejoviar.com.br/sobre-o-turismo-nas-favelas-e-o-espetaculo-da-pobreza/>. Acesso em: 20 nov.2020.

FOLHA.UOL. Hotel de luxo tem acomodações que simulam favela. Publicado em: 24 jul. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/turismo/2015/07/1659500-hotel-de-luxo-na-africa-do-sul-tem-acomodacoes-que-simulam-favela.shtml>_ Acesso em: 20 nov.2020.

PREVIDELLI, Fabio. **Aventuras na História**. Humilhação em nome do entretenimento: os horrores dos Zoológicos Humanos. Publicado em: 7 abr.2020. Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/humilhacao-em-nome-do-entretenimento-horrores-dos-zoologicos-humanos.phtml>_ Acesso em: 20 nov.2020.

UOL.COM. Anavilhanas Jungle Lodge. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/11/15/hoteis-de-selva-oferecem-cenario-selvagem-com-conforto-na-amazonia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 11 nov.2020.

VIAJECOMIGO.COM. Bairro de lata a fingir, como alojamento, na África do Sul. Publicado em 21 jan.2014. Disponível em: <https://www.viajecomigo.com/2014/01/21/bairro-de-lata-a-fingir-como-alojamento-na-africa-do-sul/>_ Acesso em: 15 nov.2020.

VIAGEMETURISMO. Roteiro completo pelo melhor da África do Sul. Disponível em:
<https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/roteiro-completo-pelo-melhor-da-africa-do-sul/>_
Acesso em: 17 nov.2020.

TEODÓSIO, R. Zoológico Humano – Da segunda metade do século XIX até a década de 50 do século XX. **YouTUBE**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=iU0xL2pOUwU>_ Acesso em: 20 nov. 2020.